

FACULDADE DE SÃO BENTO DO RIO DE JANEIRO

José Manuel Monteiro Jr.

O MOVIMENTO NEOPENTECOSTAL: ENSAIO DESCRITIVO E CRÍTICO

Rio de Janeiro

2015

Faculdade de São Bento do Rio de Janeiro

**O MOVIMENTO NEOPENTECOSTAL: ENSAIO DESCRITIVO E CRÍTICO**

José Manuel Monteiro Jr.

Monografia apresentada ao Programa de Pós-Graduação  
*Lato Sensu* da Faculdade de São Bento do Rio de Janeiro  
(FSB/RJ) para a obtenção do Certificado de  
Especialização em Ciências da Religião.

Orientador: Prof. Me. Alfredo Bronzato da Costa Cruz

Rio de Janeiro

2015

MONTEIRO JR, José Manuel. *O movimento neopentecostal: ensaio descritivo e crítico*. Rio de Janeiro, FSB-RJ, 2015

Total de páginas: 44

Monografia do Curso de Especialização em Ciências da Religião, apresentada ao Programa de Pós-graduação *latu sensu* da Faculdade de São Bento do Rio de Janeiro.

Orientador: Prof. Me. Alfredo Bronzato da Costa Cruz

Palavras-chave: neopentecostalismo; hermenêutica; teologia da prosperidade; pentecostalismo.

## **Folha de aprovação**

## **Agradecimentos**

Agradeço a Deus, em primeiro lugar. A esta faculdade, em especial aos membros de seu corpo docente. Ao meu orientador, Prof. Me. Alfredo Cruz, pelo suporte, pelas correções e incentivos. A minha mãe, amiga e educadora, Maria Estefânia Santos Monteiro, em seu apoio incondicional. A minha esposa querida, Patrícia Monteiro. A todos vocês, o meu muito obrigado.

## Resumo

A partir de uma descrição do surgimento do neopentecostalismo, propomos um panorama que auxilie na compreensão desse fenômeno. Para tal, tratamos de sua hermenêutica e da tão em voga teologia da prosperidade, esteio doutrinário desse movimento, submetendo-as a uma visão crítica baseada na leitura reformada das Escrituras. O movimento neopentecostal, em plena expansão, é aqui tratado em perspectiva comparativa com o pentecostalismo clássico e as tradições históricas do cristianismo, fazendo emergir consensos e diferenças entre essas vertentes.

**Palavras-chave:** neopentecostalismo; hermenêutica; teologia da prosperidade; pentecostalismo.

## **Abstract**

From a description of the emergence of neo-pentecostalism, we propose an overview to assist in the understanding of this phenomenon. To achieve this, we treat his hermeneutics and so in vogue prosperity theology, doctrinaire mainstay of this movement, subjecting them to a critical view based on reformed reading of scriptures. The pentecostal movement, in full expansion, is here treated in comparative perspective with the classical pentecostalism and historical traditions of christianity, giving rise to consensus and differences between these approaches.

**Keywords:** neo-pentecostalism; hermeneutics; prosperity theology; pentecostalism.

## SUMÁRIO

Introdução	7
<b>1. AS ORIGENS DO MOVIMENTO</b>	10
1.1. As três ondas do pentecostalismo	11
1.2. Tentativa de definição	16
<b>2. HERMENÊUTICA E FRAGMENTOS TEOLÓGICOS DO NEOPENTECOSTALISMO</b>	18
2.1. A grande interpretativa neopentecostal	18
2.2. Divergências doutrinárias e práticas entre neopentecostais e reformados	21
<b>3. A TEOLOGIA DA PROSPERIDADE E SUAS CONSEQUÊNCIAS</b>	26
3.1. Uma teologia do sucesso	28
3.2. Um cristianismo de combate	32
3.3. Uma religião de mercado	35
Conclusão	38
Referências	41



## Introdução

Partindo de nosso olhar como teólogo cristão e pastor da Igreja Batista, este trabalho tem por finalidade discorrer sobre um seguimento religioso que ganha cada dia mais adeptos e notoriedade no cenário brasileiro, o *neopentecostalismo*. Trata-se esta uma vertente cristã que surgiu sessenta anos após o *movimento pentecostal*, cujo início deu-se na Rua Azusa, em 1906, nos Estados Unidos. Em terras brasileiras, as igrejas neopentecostais são arrojadas e agressivas, os líderes destas comunidades em sua grande maioria têm um estilo de vida sofisticado, e a massiva exposição nos veículos de comunicação têm contribuído de forma significativa para tornar este seguimento conhecido e, ao mesmo tempo, discutido.

É notório o impacto do neopentecostalismo para além de seus limites denominacionais, no contexto das igrejas evangélicas, principalmente nas de confissão histórica. Devido ao “sucesso” das igrejas neopentecostais, há uma migração de membros das igrejas históricas e das igrejas pentecostais clássicas para a vertente neopentecostal. Também é perceptível que alguns líderes religiosos, no afã de verem sua comunidade eclesial crescer, adotam as práticas litúrgicas e os atalhos teológicos dos neopentecostais.

Este trabalho não tem por objetivo fazer uma análise exaustiva do movimento neopentecostal, mas apenas esboçar um panorama acerca deste movimento religioso que ganha força e está solidificado no cenário nacional. Logo de início, trazem-se algumas informações acerca do começo de tudo, mostrando que em terras brasileiras o ponto de partida do neopentecostalismo é o pentecostalismo clássico, aqui iniciado com a chegada da Congregação Cristã do Brasil (1910) e, em seguida, da Assembleia de Deus (1911). A ênfase destas comunidades evangélicas está no que se denominou de *batismo com o Espírito Santo*. Esta é uma experiência que o indivíduo tem após sua conversão, onde ele é supostamente tomado pelo Espírito Santo e passa a falar “línguas estranhas” (*glossolalia*).

Num segundo momento, a partir da década de 1950 outras comunidades evangélicas ganham espaço, formando uma segunda onda do pentecostalismo. Igrejas como O Brasil Para Cristo (1955), Igreja do Evangelho Quadrangular (1951) e a Igreja Pentecostal Deus é Amor (1962) são o destaque. O que distingue estas igrejas das primeiras é a ênfase que estas dão à cura divina e aos exorcismos.

A partir da década de 1970, em um terceiro momento ou geração, é que se dá início ao neopentecostalismo, com o advento da Igreja Universal do Reino de Deus (1977). Surge desta matriz um movimento híbrido, sincrético que se alastra como rastilho de pólvora no Brasil.

Esta vertente evangélica enfatiza muito a ideia da *confissão positiva*, conhecida popularmente como *teologia da prosperidade*, fundada na noção de que um cristão cheio de fé é bem sucedido, goza de plena saúde física, emocional e espiritual. Assim sendo, ao contrário, presume-se que o cristão que vive na pobreza ou está doente é porque ou está em pecado, ou tem uma fé pequena.

No segundo capítulo deste trabalho é abordada a forma como os proponentes do neopentecostalismo realizam a leitura e uso do material bíblico. A base hermenêutica das igrejas de confissão histórica tem como princípio a sistematicidade das Escrituras e a Pessoa de Jesus, ou seja, é de ordem escriturística e cristológica. Os neopentecostais, por sua vez, alteraram este paradigma, colocando a base de interpretação bíblica na terceira pessoa da Trindade, o Espírito Santo, e concebendo sua atuação de maneira muito peculiar. O que vale para essa vertente é o que o Espírito diz a cada líder, e palavra do líder da comunidade, assim legitimada, é quase que incontestável. Para as igrejas reformadas, a Bíblia é a única regra de fé e prática; para os neopentecostais, contudo, a experiência está acima da interpretação, tradicional ou crítica, das Escrituras.

No terceiro capítulo deste trabalho trata-se da teologia da prosperidade e algumas de suas conseqüências. Os líderes deste movimento sustentam a ideia de que os humanos possuem uma natureza potencialmente divina, de que aqueles que professam a fé em Deus não precisam consultar médicos e muito menos tomar remédios. Para sustentar esta ideia estapafúrdia, usam como referência, entre outros, o texto do profeta Isaías que diz: “(...) Verdadeiramente ele tomou sobre si as nossas enfermidades, e carregou com nossas dores; e nós o reputávamos por aflito, ferido de Deus, e oprimido” (Is 53:4).<sup>1</sup>

Para um contingente de pessoas que vivem sufocadas por uma série de problemas, nas mais diversas áreas da vida, a proposta de alívio da dor e de enriquecimento rápido proposto pelos propagadores deste movimento ganha aceitação muito rápida; de fato, encontra-se facilmente gente disposta a pagar por isso. Este tipo de proposta tem gerado “crentes” disfuncionais e imaturos, até porque, para dar fé a ela, não é necessário assumir responsabilidades, agir, porque supõe-se que Deus tudo resolverá. Assim, um indivíduo que não é íntegro, é um incompetente, não gerencia sua vida, se quer dar uma alavancada em sua história, basta ir ao um templo, dar uma oferta financeira, e levar para casa a “rosa ungida”, “óleo ungido”, “sabonete ungido”, ou até mesmo o “travesseiro ungido”, para que seus

---

<sup>1</sup> As citações bíblicas referenciadas neste trabalho foram todas extraídas da quinta edição, revista e atualizada (Santo André, 2000), da tradução da Bíblia para o português feita pelo Pr. João Ferreira de Almeida (1628-1691).

problemas sejam resolvidos. Em virtude de tudo isso, o neopentecostalismo está longe de perder seu ímpeto. Daí a proposta de discorrer aqui sobre esta vertente.

## Capítulo 1

### As origens do movimento

A partir da década de 1970, propagou-se no Brasil um movimento de fé popularmente intitulado *teologia da prosperidade*.<sup>1</sup> Uma vez instalado, ele trouxe uma nova tese a respeito da dinâmica do relacionamento entre o humano e o divino no interior do cristianismo, prometendo benesses, saúde e riquezas, “o céu aqui”, para aquele que expressasse certo tipo de comportamento religioso. Os anos passaram e o modo deste tipo de fé permanece até hoje, ganhando cada vez mais adeptos. Os propagadores desta teologia são altamente criativos, e reinventam-se a todo momento, apresentando para as pessoas soluções rápidas, mágicas, para os seus problemas, sejam eles de ordem física, emocional ou material. Por meio da mídia escrita, televisiva e radiofônica, os líderes deste movimento incutem nos fiéis o conceito de que é necessário enxotar os espíritos maus, uma vez que a causa dos males na vida das pessoas estaria neles. Neste tipo de proposta religiosa, o fiel recebe sua bênção por meio de sua oferta. Na verdade, o que fica evidente é que o dinheiro assume o papel de um mediador entre o fiel e o sagrado. Neste sentido, Deus é visto como um banqueiro que está disposto a repartir as suas bênçãos para aqueles que estão dispostos a pagar bem.

Para tratar de forma conveniente do movimento neopentecostal, veículo de difusão e florescimento da teologia da prosperidade, entretanto, é preciso dimensioná-lo historicamente, olhando primeiro para o movimento pentecostal, traçando um esboço de suas origens. O movimento pentecostal originou-se nos Estados Unidos da América durante um período de *avivamento* espiritual nos estados do sul e do centro desse país, entre os anos 1895 e 1900.<sup>2</sup> Uma das coisas que distingue o movimento pentecostal das igrejas históricas é a forma que seus adeptos têm de interpretar o que ocorreu em Jerusalém no dia do Pentecostes.<sup>3</sup> Delcyr de Souza Lima afirma: “a doutrina distintiva do pentecostalismo é a do batismo com o Espírito

---

<sup>1</sup> A teologia da prosperidade é uma formulação do paradigma cristão que surgiu nos EUA nas primeiras décadas do século XX. Tendo como pano de fundo alguns textos bíblicos (Gn 17:1-7, Lc 11:9-10, Mc 11:23-24), esta doutrina afirma que aqueles que servem a Deus devem desfrutar de uma boa vida financeira e saúde. A respeito dela, ver o terceiro capítulo deste trabalho.

<sup>2</sup> De acordo com o Pr. Augustus Nicodemus Lopes, “(...) O termo avivamento tem sido usado para designar momentos especiais na história da comunidade cristã em que Deus visitou seu povo de maneira especial, pelo Espírito Santo, trazendo quebrantamento espiritual, arrependimento dos pecados, mudanças de vidas, renovação de fé e dos compromissos com ele, de tal forma que as igrejas, assim renovadas, produziam um impacto distinto e perceptível no mundo ao seu redor” (2008, p. 163).

<sup>3</sup> O evangelista Lucas nos informa em At 2 que no dia do Pentecostes ocorreu o derramamento do Espírito Santo e que, a partir deste evento, iniciou-se a era da igreja cristã.

Santo, uma experiência que dizem ter com Deus após a conversão, e que procuram evidenciar por meio de falarem línguas estranhas” (1989, p.19). Tal espécime de despertar espiritual se espalhou e chegou ao Canadá, alcançou a Europa e a América Latina, incluindo o Brasil.

### 1.1. As três ondas do pentecostalismo brasileiro

Em terras brasileiras o pentecostalismo pode ser dividido em *três ondas*, como diz Paul Freston (1995, p.120). Num primeiro momento, em 1911, dois suecos, Gunnar Vingren (1879-1933) e Daniel Berg (1884-1963), sentiram-se comissionados por Deus para propagar a mensagem pentecostal no Brasil. Por meio de um amigo, receberam dinheiro e donativos para o transporte marítimo, e desembarcaram em Belém do Pará. Aqui foram ajudados por um pastor batista, que os alojou no templo. Depois de um tempo de adaptação e aprendizagem da língua portuguesa, eles começaram a propagar as crenças e práticas que traziam consigo, o que gerou na igreja uma divisão. De acordo com Lima, “(...) Estava assim dividida uma igreja batista e começando o pentecostalismo no Brasil. Aqueles crentes afastados da *Igreja Batista de Belém do Pará* organizaram seu próprio movimento e, com isso, deram começo à existência das igrejas pentecostais, que vieram a adotar a designação de *Assembleia de Deus*” (1989, p. 21. Grifos meus).

Não se pode deixar de mencionar, contudo, que mesmo antes da Assembleia de Deus, outra igreja de cunho pentecostal aqui se instalara: a *Congregação Cristã no Brasil*, fundada em 1910 por Louis Francescon (1866-1964). Sua aderência ao movimento pentecostal se deu através da pregação de um pastor norte americano chamado William Durham (1873-1912), que alegava ter tido a experiência do batismo com o Espírito Santo, e conseqüentemente, falava línguas estranhas quando em oração. Paulo Romero lança luz sobre este movimento comentando que

Em 1909, por revelação espiritual, Francescon, G. Lombardi e Lucia Menna embarcaram para Buenos Aires e, em 1910 chegaram a São Paulo. No dia seguinte, conheceram um italiano, ateu, chamado Vincenzo Pievani, que mais tarde se converteria junto com a esposa e mais nove pessoas. O batismo dessas onze pessoas marcou o que Francescon chamou de as “primícias da grande obra de Deus naquele país” (ROMERO, 2013, p. 23)

Em sua vivência religiosa, a Congregação Cristã no Brasil tem algumas características interessantes que serão aqui elencadas. Em primeiro lugar, o clero não é assalariado. Aqueles

que lideram estas comunidades devem tirar o sustento material de seu trabalho, não dependendo do auxílio da comunidade. Eles acreditam que agindo assim serão mais imparciais na resolução dos casos que lhe são apresentados. Segundo, nas celebrações, pessoas com doenças contagiosas não participam, e qualquer menção ou leitura de outro material que não seja extraído das Escrituras Sagradas é tido como profano e abominável. Terceiro, os fiéis os fiéis não podem participar de cultos de outras agremiações religiosas. Além disso, de modo muito característico,

A congregação também não permite [a participação de seus membros em] partidos políticos de espécie alguma. Por ser uma determinação legal, cada um é livre para cumprir seu dever de votar. Entretanto, os remidos pelo sangue do concerto eterno não podem votar em partidos que neguem a existência de Deus e sua moral. Os que ocupam cargos no ministério não devem aceitar encargos políticos. Nas dependências da igreja não é permitida propaganda nem visitação de candidatos a cargos públicos (ROMERO, 2013, p. 35).

Estes dois grupos religiosos, a Congregação Cristã no Brasil e a Assembleia de Deus, são os ícones deste primeiro momento do pentecostalismo no Brasil. O crescimento espantoso da Assembleia de Deus fez desta denominação o maior grupo evangélico do país. No censo realizado pelo IBGE em 2010, a Assembleia de Deus chega aos 12 milhões de membros declarados. “No dia 29 de julho, o IBGE divulgou os resultados do censo 2010 sobre religião. Os evangélicos chegaram à cifra de 42,3 milhões (22,2% da população). A Igreja Assembleia de Deus apresentou um crescimento de 46%, saltando dos 8,4 milhões de membros [declarados no censo anterior] para 12,3 milhões, continuando a ser a maior igreja evangélica e o segundo maior grupo religioso no país, perdendo em números apenas para a Igreja Católica” (FAJARDO, 2012). Os fiéis arrolados a esta denominação pertencem à *Convenção Geral das Assembléias de Deus (CGADG)* ou à recente *Convenção de Madureira*.<sup>4</sup> Nestas comunidades religiosas é muito enfatizada a experiência espiritual que eles denominam de batismo com o Espírito Santo.

A segunda onda do movimento pentecostal começou a ganhar corpo no Brasil a partir de 1950. Os estudiosos conseguem fazer uma distinção entre o pentecostalismo da primeira e da segunda onda baseados na ênfase que as igrejas desta dão para a cura divina e o exorcismo. Podemos aqui elencar três igrejas características deste segundo momento: *O Brasil Para*

---

<sup>4</sup> As comunidades que estão arroladas nesta convenção têm em seu corpo doutrinário teologia e práticas neopentecostais, que por sua vez as afastaram da Convenção Geral. Estima-se que esta convenção levou consigo mais de um terço dos membros da Assembleia de Deus quando se separou dessa (SIERPIERSKI, 2001, p. 56-57).

*Cristo, a Igreja do Evangelho Quadrangular e a Igreja Pentecostal Deus é Amor.* Todas elas tiveram início em São Paulo, espalhando-se pelos estados do sudeste e, a partir daí, alcançando o restante do país.

O primeiro movimento a ganhar destaque nesta onda do pentecostalismo foi a Igreja do Evangelho Quadrangular. Fundada por Aimeé Semple McPherson (1890-1944) em 1922 em Los Angeles, esta igreja chegou em terras brasileiras em 1951, sete anos após a morte de seu primeiro líder. A mensagem que esta igreja trouxe para o solo brasileiro tem quatro vertentes ou ênfases: *Jesus Salva, Jesus batiza com o Espírito Santo, Jesus cura, e Jesus voltará.* O Pr. David Allen Bledsoe, estudioso do pentecostalismo e do neopentecostalismo brasileiros, afirma que “a ênfase nos quatro tópicos apresenta um reducionismo doutrinário, quase eliminando termos como justificação pela fé, Encarnação e Trindade” (2012, p. 35).

A igreja evangélica O Brasil Para Cristo, por sua vez, foi fundada em 1955 por Manoel de Mello (1929-1990). Por meio de eventos evangelísticos e do uso do rádio, a denominação expandiu-se e ganhou solidez. No ano de 1956, ao lado do pastor Alfredo Rachid Góes, o missionário Manoel de Mello passou a comandar *A voz do Brasil para Cristo*, um programa radiofônico que era veiculado pela emissora Piratininga de São Paulo, e que, com o decorrer do tempo, tornou-se muito popular, passando a ser veiculado internacionalmente pela rádio Tupi. O programa *A Voz do Brasil para Cristo* ainda é transmitido e continua a ser um sucesso de público no rádio. Durante trinta e quatro anos esteve nos topos das pesquisas de audiência.

O missionário Manoel de Mello por ser um personagem carismático, foi o primeiro líder de uma igreja a ser capa de revista laica de circulação semanal no país<sup>5</sup>. Sua fama transpôs as barreiras geográficas e de idioma, levando o missionário a pregar em outros países. Alguns fatores propiciaram o rápido crescimento desta igreja:

Primeiramente, Mello foi o primeiro brasileiro a fundar uma denominação evangélica em solo nacional. Este feito contribuiu para a sua popularidade, dado que o nacionalismo era crescente no Brasil [àquela época]. Em segundo lugar, ele também foi o primeiro a alinhar sua denominação com a arena política, mobilizando seus membros a votar em determinados candidatos em troca de favores. Terceiro, a Igreja Evangélica O Brasil Para Cristo foi pioneira no uso de espaços seculares para grandes campanhas e ajuntamentos evangelísticos (BLEDSOE, 2012, p.36).

---

<sup>5</sup> Tratou-se do número 683 da Revista *Veja*, da Editora Abril, de São Paulo, publicado em outubro de 1981.

O missionário Manoel de Mello era um líder controverso e pragmático. De forma embrionária, vemos nele o líder que inspirou inúmeras práticas que vemos hoje no meio neopentecostal. Foi acusado e processado por curandeirismo e charlatanismo. Em 1980 esta denominação inaugurou um grande templo no bairro da Pompéia, na grande São Paulo com capacidade para dez mil pessoas.<sup>6</sup>

A Igreja Pentecostal Deus é Amor foi fundada pelo missionário David Martins Miranda (1936 - ). Filho de agricultores, nascido no interior do Paraná, seguiu como tantos de seus contemporâneos de diversas partes do país para a região metropolitana de São Paulo. Após perder o emprego, com o dinheiro da indenização, alugou um imóvel e inaugurou uma igreja. Em sua autobiografia, ele descreve que enquanto orava de joelhos, Deus lhe falou que deveria fundar uma igreja. O nome da denominação também lhe teria sido divinamente inspirado em uma madrugada de oração (ROMEIRO, 2005, p. 42).

O ponto forte da Igreja Pentecostal Deus é Amor está nos programas de rádio, através dos quais David Miranda apregoava sua mensagem aos “irmãos” das mais diferentes matizes religiosas (católicos, espíritas e evangélicos). Entretanto, aos fiéis de sua comunidade, ele rejeita qualquer interação com outros grupos religiosos. Romero lança luz sobre o assunto, comentando que

O regulamento interno [da Igreja Pentecostal Deus é Amor] demonstra também seu antagonismo com as demais denominações cristãs. Não é permitido aos membros, por exemplo, fazer curso de teologia e ou cursos bíblicos, nem aprender a tocar instrumentos em outras igrejas (...). Não é permitido aos membros possuir aparelho de televisão; usar videocassete; tomar anticoncepcional, nem usar preservativos; ou ingerir bebidas alcoólica (ROMERO, 2013, P.43).

A terceira onda do movimento pentecostal, que dá origem ao chamado movimento neopentecostal, tem seu ponto de partida na metade da década de 1970, e encontra na *Igreja Universal do Reino de Deus* (IURD) seu marco principal e mais característico. A partir dela, várias igrejas ganharam espaço, dentre as quais podemos citar: a *Igreja Internacional da Graça de Deus*, a *Igreja Cristo Vive*, a *Comunidade Sara Nossa Terra*, a *Comunidade da Graça* e a *Igreja Renascer em Cristo*.

Os fundadores da Igreja Universal do Reino de Deus e da Igreja Internacional da Graça de Deus são oriundos da *Igreja de Nova Vida*, fundada em 1960, no Rio de Janeiro, pelo missionário pentecostal canadense Walter Robert McAlister (1931-1993). A ênfase

---

<sup>6</sup> Cf. Revista *Eclésia*, Rio de Janeiro, n. 86, fevereiro de 2003.



doutrinária de McAlister estava na cura física e na libertação espiritual pela fé. Até sua morte, em 1993, McAlister também deu ênfase à obrigatoriedade do pagamento do dízimo pelos fiéis que desejavam ser abençoados em suas vidas. Os líderes Edir Macedo (1945 - ) e Romildo Ribeiro Soares (1947 - ), seu cunhado, saíram da Igreja Nova Vida em 1975 e difundiram o que conhecemos sob a rubrica de neopentecostalismo (TAVOLARO & LEMOS, 2007, p. 109).

A IURD foi fundada em 09 de julho de 1977 por Edir Macedo, autoproclamado bispo. A igreja começou no Rio de Janeiro, no bairro da abolição. Foi erguida numa antiga funerária. Desde seu primeiro culto, a IURD nunca deixou de expandir e crescer, transformando-se, enfim, em um grande império eclesiástico. Em suas homilias, o bispo Macedo ataca fortemente as outras religiões, enfatizando os exorcismos, e apela aos fiéis para contribuírem financeiramente com a igreja. Para promover seu empreendimento eclesial, Macedo se utiliza do rádio e da televisão. Além destes aparatos midiáticos, ele também oferece atenção especial à palavra escrita. Bledsoe, citando Mattos, nos dá a dimensão da importância dos textos do bispo para o contexto da IURD: “(...) Em primeiro lugar, suas obras representam as fontes de autoridade para os ensinamentos da IURD. Portanto, a segunda razão está no fato de que todos os outros autores sancionados pela IURD devem estar de acordo com seus escritos” (BLEDSOE, 2012, p. 64).

O investimento da IURD na mídia é realmente muito grande. Tomemos como exemplo, a revista mensal *Plenitude*, que começou sua circulação em 1980 e tem hoje uma tiragem de aproximadamente 440 mil exemplares. Para atender o público feminino, a IURD criou a revista *Ester* com tiragem mensal de 120 mil exemplares. O carro chefe em termos de publicação é a *Folha Universal*, um jornal semanal com 2,5 milhões de exemplares. Algo marcante na trajetória da IURD foi a compra da rede de TV Record, pela bagatela de 45 milhões de dólares em 1989.<sup>7</sup> Apesar de todo poderio eletrônico, o bispo Edir Macedo comprou ainda mais quatro horas de programação na rede de TV Gazeta, de São Paulo; o interessante é que estas horas de programação eram antes usados por seu cunhado e concorrente, o missionário R. R. Soares (PEREIRA, 2011; MODESTO, 2012).

A IURD estende seu poder também na área política. Ao longo de sua história, ela tem promovido seus clientes políticos em nível local e nacional, sujeitos que, em contrapartida favorecem, os interesses da denominação. Em 2002 conseguiu eleger a senador o candidato Marcelo Crivella, que em 2014 concorreu a governador do Estado do Rio de Janeiro em

---

<sup>7</sup> Cf. Revista *Veja*, São Paulo, Editora Abril, n. 1415, outubro de. 1995.

primeiro e segundo turnos. A IURD consegue interagir com a sociedade em diversos níveis, fazendo com que sua presença seja sentida e fortalecida (ORO, 2003, pp. 53-59).

O bispo Edir Macedo é um líder controverso, e em setembro de 2011 o Ministério Público Federal no Estado de São Paulo (MFP-SP) o indiciou por formação de quadrilha e lavagem de dinheiro, juntamente com três líderes da cúpula do IURD.<sup>8</sup> As polêmicas não param por aí. Do ponto de vista estritamente religioso, são de sua autoria duas obras que alicerçam dois aspectos muito controversos do pensamento neopentecostal brasileiro. Em *Libertação da Teologia*, publicada em 1992, Macedo expressa o seu desprezo pelo estudo acadêmico da religião cristã, ensinando que a busca intelectual da divindade é contraproducente e gera divisa na igreja. Já em *Orixás, caboclos e guias: deuses ou demônios?*, de 1997, ele trata das religiões de matriz africana como espaços privilegiados de atividade demoníaca; além de ser subsídio para a discriminação e violência inter-religiosa, um ponto especialmente controverso nesta obra para os evangélicos é a noção de que os salvos por Jesus podem ficar possessos.

## 1.2. Tentativa de definição

Paulo Romero, citando Ricardo Mariano, explica o porquê da utilização do termo *neopentecostal*:

O prefixo *neo* mostra-se apropriado para designá-lo tanto por remeter a sua formação recente quanto ao caráter inovador do neopentecostalismo. Embora recente entre nós, o termo *neopentecostal* foi cunhado nos EUA. Lá, na década de 1970, ele designou as dissidências pentecostais das igrejas protestantes, movimento que posteriormente foi designado de *carismático* (ROMERO, 2013, p. 51).

É tarefa difícil para aqueles que estudam este movimento no Brasil tentar defini-lo. O que se percebe nestas igrejas é que não existe uma teologia sistemática, e, pior, elas não parecem ter nenhum interesse em desenvolvê-la. Outro fato a ser salientado é a proliferação desordenada de denominações desta vertente, que, ao se multiplicarem, introduzem inúmeras novidades, tanto em sua liturgia, quanto em sua teologia. O neopentecostalismo difere um pouco do pentecostalismo na medida em que temas como a batalha espiritual, a expulsão de demônios, curas e milagres, e a busca pelo sucesso neste mundo, substituíram o falar em

---

<sup>8</sup> Cf. Revista *Veja*, São Paulo Editora Abril, n. 2126, agosto de 2009.

línguas e o batismo no Espírito Santo, bandeiras principais defendida pelos pentecostais. Observa-se ainda que as igrejas da terceira onda pentecostal, ou neopentecostais, especialmente a IURD, a Internacional da Graça de Deus, e a Cristo Vive, rejeitam não apenas o contato, mas o direito de existência do espiritismo e das religiões de matriz africana com grande veemência, atacando-o com agressividade.<sup>9</sup>

O movimento neopentecostal hoje cresce de forma avassaladora no país, ocupando, por mais de um motivo, um espaço considerável nas comunicações de massa brasileiras. Os neopentecostais trocaram o conceito bíblico de fé por uma noção abstrata e pragmática de fé. Enquadram a totalidade da vida humana no que eles denominam de *batalha espiritual*, onde superestimam a ação satânica na vida dos crentes. Enfatizam a retórica mercadológica e materialista no âmbito de igrejas que são verdadeiras empresas, onde a finalidade mais ou menos declarada é o lucro individual. A todo instante igrejas são abertas como verdadeiras franquias, e já se diz à boca miúda: “pequenas igrejas, grandes negócios”. Uma vez situados na história, passaremos abordar no capítulo seguinte, a hermenêutica neopentecostal, ou seja, sua forma particular de ler a bíblia – e algumas das consequências desta – para sua definição e prática enquanto denominações declaradas cristãs.

---

<sup>9</sup> A este respeito, ver os dados sobre as agressões religiosas e práticas de intolerância religiosa cometidas por fiéis neopentecostais contra membros das religiões de matriz africana em FONSECA & GIACOMINI, 2013.

## Capítulo 2

### **Hermenêutica e fragmentos teológicos do neopentecostalismo**

O movimento neopentecostal cresce muito e as pessoas envolvidas nas comunidades religiosas a ele associadas não vivem o conceito de comunhão cristã conforme este é entendido pela literatura do Novo Testamento e pelas igrejas históricas. A grande maioria dos frequentadores de cultos neopentecostais não se conhece, e, na acepção precisa da palavra, são clientes que buscam uma solução mágica para os seus problemas. O vertiginoso crescimento estatístico deste movimento, portanto, não impede que possamos questioná-lo desde um ponto de vista da teologia reformada. Alguns acreditam que se algo está dando certo, é bom e verdadeiro. No âmbito religioso cristão, entretanto, a base de julgamento deve ser a Palavra de Deus, nossa única regra de fé e prática. É necessário sem sombra de dúvida fugir do estereótipo de validar um movimento à luz de seus resultados.

#### **2.1. A grade interpretativa neopentecostal**

Com o surgimento do neopentecostalismo, houve uma mudança do paradigma hermenêutico. Para os cristãos das denominações evangélicas históricas, o fundamento da vida religiosa é escriturístico e cristológico, o que implica dizer que a centralidade hermenêutica está na sistematicidade das Escrituras Sagradas, e o padrão de aferimento ético e comportamental está na pessoa de Jesus. O conceito neopentecostal hermenêutico não é escriturístico ou cristológico, mas pneumatológico. A ênfase está posta quase que unicamente na terceira pessoa da Trindade, o Espírito Santo, que concebem como uma entidade bastante peculiar, dada a revelações pessoais e ao estardalhaço.

A grande questão a ser aqui levantada é que, do ponto de ancoragem da tradição reformada, quando utilizamos outro parâmetro hermenêutico que não as Escrituras, descartamos automaticamente sua autoridade e seu peso. Nas igrejas neopentecostais geralmente a “voz do espírito” está com aquele que é o fundador da comunidade religiosa. Aqui está uma diferença fundamental. Quando o eixo hermenêutico está nas Escrituras, compreendida como um todo sistemático, não há este tipo de problema.

A leitura bíblica feita pelos neopentecostais é pulverizada e fragmentada, utilizando-se de versículos bíblicos isolados, fora de seu contexto. No quadro das igrejas históricas, a Bíblia

é normativa, ou seja, considerada como única regra de fé e prática, ainda que eventualmente se divirja gravemente quanto à sua interpretação; enquanto que no neopentecostalismo ela é utilizada como pretexto para afirmar algumas práticas religiosas. Acerca disto, salienta Campos que, nesta vertente religiosa,

A Bíblia é muito mais um depósito de símbolos, alegorias e de cenas dramáticas, ou até um amuleto para exorcizar demônios e curar enfermos, do que a “palavra de Deus”, encarada por outros grupos protestantes como “regra única de fé e prática”, e, para os fundamentalistas, a “regra infalível” (CAMPOS, 1999, p.82).

Outro traço importante na cultura hermenêutica dos neopentecostais é a noção de que a divindade se revela de forma especial no íntimo do crente. Expressões como “Deus me disse”, “Deus me falou” traduzem bem este ponto de vista. Assim sendo, a palavra daquele que fundou a igreja tem um valor inestimável, e, em alguns casos, superior ao das Escrituras Sagradas, que as igrejas oriundas da Reforma sempre consideraram como sendo um espaço privilegiado de revelação da Palavra de Deus. Para os neopentecostais, de modo geral, a palavra do dono da seita é incontestável. O perigo que as igrejas neopentecostais incorrem ao se apartar das Escrituras é que passam a adotar práticas estranhas e exóticas, que não traduzem a essência do evangelho de Jesus Cristo conforme compreendido pelas igrejas históricas.

Isso é algo que parece contraditório na práxis hermenêutica neopentecostal: aí se afirma de forma categórica e recorrente que a Bíblia é a Palavra de Deus, mas, ao mesmo tempo, não se usa esta Palavra de Deus como fonte de autoridade. Para compreender melhor o que está sendo exposto, vamos nos valer da reflexão a respeito feita por Wemerson Marinho, teólogo presbiteriano, que destacou que

Os neopentecostais afirmam que a Bíblia é a palavra de Deus e, com isto, nós concordamos. Mas para eles, a palavra dos “profetas”, dos visionários, também é palavra de Deus. E, por isto, baseiam suas vidas e suas doutrinas também em visões, “novas revelações” e em “experiências místicas” (MARINHO, 2008).

Dentro do contexto neopentecostal, portanto, são as experiências espirituais pessoais que determinam a interpretação do texto bíblico. Os neopentecostais não fazem a *exegese* do material escriturístico, e sim a *eisegese*. A palavra *exegese*, do grego *eksegesis*, tem como significado explicar, interpretar, contar, descrever, relatar. *Exegese* é a denominação que se confere à interpretação das Sagradas Escrituras desde o século II da era cristã. Na *exegese*

extraímos o significado de um texto, usando para isto métodos controlados de interpretação, enquanto que a eisegese, por outra parte, consiste em colocar no texto bíblico alguma coisa que não faz parte dele, cometendo anacronismo e, desta forma, manipulando-o para que ele diga aquilo que não diz. Para validar algumas práticas religiosas, os neopentecostais se valem de estratégias muito particulares de eisegese, não da exegese bíblica de qualquer tipo.

A hermenêutica é um elemento importante e necessária para mantermos a sã doutrina cristã. O apóstolo Paulo, escrevendo carta ao seu filho na fé Timóteo, registrou que: “(...) Chegará o tempo em que não suportarão a sã doutrina; mas, desejando muito ouvir coisas agradáveis, ajuntarão para si mestres segundo seus próprios desejos” (2Tim 4:3). Considerado este testemunho, os líderes do movimento neopentecostal demonstram antipatia pela hermenêutica tradicional porque parecem saber que a Palavra de Deus vai lhes impor alguns limites – e estas limitações eles não querem. Usam a Bíblia de forma equivocada, para apoiar projetos pessoais megalomaniacos. De fato, a panaceia em que se transformou o movimento neopentecostal sustenta-se em parte no fato da má interpretação do texto bíblico. Eles interpretam o texto sagrado quase que apenas por meios *insights* e sob o prisma de sua experiência pessoal. Convém ressaltar que este erro hermenêutico ocorre por conta de aí não se distinguir de forma clara dois conceitos fundamentais na teologia cristã: o de *inspiração* e o de *iluminação*.

Por inspiração considera-se o superintender do Espírito Santo sobre os autores bíblicos, para que eles escrevessem o que deveria ser escrito a fim de comunicar a instrução de salvação oferecida por Deus ao seu povo, e através dele, ao mundo. A iluminação, por sua vez, é a capacitação que o Espírito Santo concede aos leitores para interpretar o registro da Revelação. Enquanto cristãos, não se pode pretender escrever uma nova revelação, uma vez que a inspiração não existe mais desde o falecimento do último dos apóstolos. Compete-nos apenas interpretar e submeter-nos ao que já está escrito, reconduzindo-o sempre ao seu quadro de produção e orando pelo dom gratuito da iluminação.

Em coerência com a ausência teórica e prática desta distinção, a homilia neopentecostal normalmente não é de cunho bíblico, mas voltada para autoajuda. Tudo aí parece girar em torno de benesses, riquezas e satisfação pessoal. O discurso é eminentemente egocêntrico, não teocêntrico, como se esperaria ser em uma comunidade cristã. Não se costuma levar em consideração os aspectos éticos e os princípios de fé regulamentados pelas Sagradas Escrituras. A maioria dos cristãos que estão inseridos neste contexto vive um cristianismo distorcido, por conta da verdade ser vilipendiada, as Escrituras relativizadas, e os

princípios e os absolutos de Deus serem ultrajados. Os pregadores neopentecostais são bem pragmáticos, pois não se preocupam com que é certo, mas com o que dá certo. De forma geral, não estão interessados no que é ético, mas no que funciona.

Por não haver uma exposição clara e concisa da Bíblia nas celebrações de culto neopentecostal, o que é levado em consideração sempre é a subjetividade. Por focarem nas curas, nos exorcismos, na prosperidade, eles não têm e nem desenvolvem o hábito pessoal e coletivo de se aprofundarem no conhecimento das Escrituras através da leitura sistemática e de estudos auxiliares, de ordem histórica ou teológica. Como salienta Matos, há neste tipo de ambiente uma

Ênfase excessiva na experiência, profecias ou revelações, relativizando a importância da Bíblia; interpretação bíblica literalista ou alegórica, conforme a necessidade, sem atentar para as regras da hermenêutica; a Bíblia é considerada acima de tudo um livro de promessas de Deus para os crentes; ênfase excessiva na experiência e nas emoções, que pode levar ao subjetivismo; liturgia condicionada por interesses pragmáticos (atrair e empolgar os participantes) e preferências culturais, e não pelo ensino das Escrituras (MATOS, 2008).

## **2.2. Divergências doutrinárias e práticas entre neopentecostais e reformados**

Isto tudo considerado, portanto, por mais que os neopentecostais afirmem que possuam doutrinariamente similaridades com o pensamento teológico reformado, há um distanciamento abissal entre um e outro. Façamos um comparativo entre o pensamento teológico da IURD e dos reformados no tocante a alguns temas teológicos. No tocante a doutrina da salvação, o bispo Edir Macedo diz textualmente que

Em todos os seres humanos, quer religiosos ou não, existe no mais profundo de suas almas uma pequena chama de fé, a qual focalizada no Deus vivo, certamente fará fluir uma vida sadia sob todos os aspectos. Essa pequena chama de fé é colocada pelo Espírito Santo (1986, p.178).

A posição reformada no tocante a doutrina da salvação, estabelece que, por conta da natureza caída e deformada pela ação do pecado, o homem não tem condição de crer, a não ser que haja uma atuação especial do Espírito Santo que o impulsione neste sentido. Para esta

tradição, a salvação não é obra do homem, e também não é uma coordenada entre Deus e o homem; a salvação é obra exclusiva de Deus.<sup>1</sup>

Na concepção do mesmo Macedo, que bem se pode considerar um “teólogo” especialmente representativo deste movimento, por outra parte, a salvação não é somente obra do Espírito Santo, mas, uma espécie de obra conjunta entre Deus e o homem. Para que o fiel conquiste esta salvação, ele precisa manter-se fiel, participar regularmente das reuniões de libertação, para que se livre da atuação do diabo. Além disso, requer do crente que evite as más companhias e coisas similares. Assim sendo, a salvação se obtém e se concretiza por meio do esforço humano, como também a sua manutenção. Como afirma Macedo,

Nossa experiência nos leva a crer que um dos pontos fundamentais para a libertação e salvação está no fato da pessoa se desligar totalmente das companhias que não professam a mesma fé... Este item é de suma importância para a salvação de alguém (1986, p.41).

Outro tema abordado pela liderança da IURD e que nada tem a ver com a tradição reformada é a temática do batismo com o Espírito Santo. Nisto, aliás, a linha seguida pela IURD é bem parecida com a dos pentecostais clássicos. O batismo com o Espírito Santo é uma experiência espiritual ocorrida após a conversão do indivíduo. Nesta experiência, o fiel passa a falar línguas estranhas, e isto é que atesta que o fiel foi efetivamente batizado com o Espírito Santo. Estas línguas estranhas no entender deles são as línguas dos anjos. Usam como referência o texto bíblico onde o apóstolo Paulo diz: “(...) Ainda que eu fale as línguas dos

---

<sup>1</sup> Crença professada de acordo, por exemplo, com que está escrito no livro do profeta Jonas: “(...) Mas eu te oferecerei sacrifício com voz de ação de graças; pagarei o meu voto. A salvação pertence ao Senhor” (Jn 2:9). Em 31 de outubro de 1999, a Federação Luterana Mundial e a Igreja Católica Apostólica Romana assinaram por meio de representantes devidamente autorizados a *Declaração Conjunta sobre a Doutrina da Justificação*, estabelecendo um consenso teológico a respeito da salvação por meio da fé. A esse documento aderiu em 23 de julho de 2006 o Conselho Metodista Mundial. Nele, enfatiza-se (§19) que estas denominações históricas confessam juntas “(...) que o ser humano, no concernente à sua salvação, depende completamente da graça salvadora de Deus. A liberdade que ele possui para com as pessoas e coisas do mundo não é a liberdade com relação à salvação. Isto quer dizer que, como pecador, ele se encontra sob o juízo de Deus, sendo por si só incapaz de se voltar a Deus, em busca de salvamento, ou de merecer sua justificação perante Deus, ou de alcançar a salvação pela própria força”. Nos dois parágrafos seguintes (§§20-21) procura-se esclarecer que “(...) Quando católicos dizem que o ser humano ‘coopera’ no preparo e na aceitação da justificação por assentir à ação justificadora de Deus, eles veem mesmo nesse assentimento pessoal um efeito da graça, e não uma ação humana a partir de forças próprias”; e que os “(...) Luteranos não negam que o ser humano possa rejeitar a atuação da graça”, de modo que “(...) Quando sublinham que o ser humano pode tão-somente receber [*mere passive*] a justificação, rejeitam com isso qualquer possibilidade de uma contribuição própria do ser humano para justificação, mas não negam sua plena participação pessoal na fé, que é operada pela própria palavra de Deus”. Mais adiante (§22), reformados e católicos confessam “juntos que Deus, por graça, perdoa ao ser humano o pecado, e o liberta ao mesmo tempo do poder escravizador em sua vida e lhe presenteia a nova vida em Cristo. Quando o ser humano tem parte em Cristo na, Deus não lhe imputa seu pecado e, pelo Espírito Santo, opera nele um amor ativo. Ambos os aspectos da ação graciosa de Deus não devem ser separados.”



homens e dos anjos, se não tiver amor, serei como o bronze que soa ou como címbalo que retine” (1Cor 13:1). Em um exame cuidadoso e criterioso da passagem bíblica acima referida, entretanto, verificaremos que o apóstolo Paulo não defende a ideia de que as línguas estranhas seriam as línguas dos anjos. Lancemos mão do que expressa Delcyr de Souza Lima a respeito desta questão:

“Ainda que”, diz Paulo. Ainda que falasse. Isso significa que não falava. Paulo estabelece como um ponto inatingível para dizer que mesmo que o conseguisse, nada seria, se não tivesse amor. E numa alusão às línguas estranhas, que ele combatia, ele diz que seria como um sino a badalar, a fazer meramente barulho (LIMA, 1989, p. 153).

O ensinamento da IURD nesta matéria é confuso e estranho ao contexto das Sagradas Escrituras. Comentando a respeito, o principal articulador teológico da IURD, o Pr. José Vasconcelos Cabral, não consegue traçar um argumento lógico na questão do batismo com o Espírito Santo com a manifestação de falar línguas estranhas. Ele escreve simplesmente que não pretende

(...) entrar no mérito da questão, para explicar se as manifestações são válidas ou não para os nossos dias, ou se as interpretações corretas dos textos citados são as desse ou daquele grupo. Isso é muito mais uma questão de fé do que de discussão teológica, dada a natureza do assunto; embora o batismo com o Espírito Santo tenha a evidência ou como consequência o dom de falar em línguas estranhas, deve ficar bem claro que falar em línguas estranhas nem sempre é evidência de ter sido alguém batizado com o Espírito Santo (CABRAL, 1992, p. 253).

Por outra parte, o que os reformados acreditam é que o batismo com o Espírito Santo é uma experiência espiritual que coincide com a regeneração (conversão) do indivíduo a Jesus Cristo. Aqueles que creem e se entregam a Cristo, são selados com Espírito Santo, e este selo é a garantia de que o indivíduo é salvo pela fé. Digno de nota é observar que o Novo Testamento deixa bastante claro que todos aqueles que receberam Cristo em sua vida e se tornaram “nova criatura” são batizados com o Espírito Santo. Isto implica em dizer que a experiência do batismo com Espírito não é algo que ocorre após a conversão, como se fosse uma segunda bênção. Vale ressaltar o que Paulo escreveu, desta vez aos coríntios que “(...) todos fomos batizados por um só Espírito para ser um só corpo, quer judeus, quer gregos, quer escravos, quer livres; e a todos nós foi dado de beber de um só Espírito” (1Cor 12:13). Na Bíblia, norma que rege [*norma norms*] as comunidades cristãs, não há menção de que as línguas ditas estranhas seriam a evidência de que alguém é batizado no Espírito. Se de fato

isto fosse verdade, uma pessoa muda jamais poderia receber, ou provar que recebeu essa experiência. O que denota que um indivíduo está pleno do Espírito Santo de Deus é o fruto do Espírito (cf. Gl 5:22-23).

Outro ponto bastante controverso da teologia iurdiana diz respeito à demonologia. No imaginário daqueles que professam a fé cristã, no interior da tradição católica como da protestante, sempre existiu uma figura que personificasse o próprio mal (o demônio).<sup>2</sup> Na concepção da IURD, os males que assolam a sociedade e a igreja, e individualmente a cada um dos cristãos, teriam como causa, fonte, os demônios. Com a expansão neopentecostal, entramos em uma nova época do demonismo. Os seres malignos atuariam em diversas áreas de nosso mundo, e teriam por finalidade afastar as pessoas do Criador. O que mais chama atenção a um teólogo de tradição reformada, neste contexto, é a ideia de que aquele que é salvo por Jesus Cristo, tem o Espírito Santo e é selado por este, pode ficar possesso por demônios. Na sua obra intitulada *Orixás, cablocos e guias*, Edir Macedo escreveu que as admoestações do volume se ele “não tivesse visto constantemente pessoas de várias denominações evangélicas caírem endemoninhadas, como se fossem macumbeiras, ao receberem a oração da fé” (MACEDO, 1996, p. 72). O caso é que a interpretação feita pela IURD nesta matéria é uma afronta à sã doutrina sustentada pelas igrejas reformadas. De acordo com a leitura que estas fazem das Escrituras, ensinam que é impossível que alguém convertido, em quem habita o Espírito Santo, possa ficar possesso ou endemoninhado. Os demônios podem unicamente influenciar pensamentos e sentimentos, eventualmente levando a atos que conduzem mesmo o crente genuíno a não obedecer aos mandamentos divinos, mas unicamente de forma *indireta* e, antes de qualquer coisa, atuando com a única função de testar ao cristão a sua fidelidade a Deus (cf. p. ex. Jó 1:12, 1Cor 10:13, Ap 12:12).<sup>3</sup>

Outro tema importante em que há um abismo na compreensão dos neopentecostais e na dos reformados é a questão dos dízimos e ofertas. A IURD parte do pressuposto de que a pobreza é do diabo, e, por conseguinte uma maldição. Para sair do estado de maldição o fiel deve contribuir. Além deste raciocínio ser teologicamente questionável, há o grande problema da forma como eles levam os fiéis a contribuir, que é extremamente degradante. O pensamento subjacente é que as bênçãos de Deus, sejam elas de cunho material ou espiritual, serão dadas ao fiel proporcionalmente ao tamanho de sua oferta. O próprio Macedo em uma entrevista a uma revista semanal afirmou: “(...) Eu ensino isso às pessoas. De acordo com o

---

<sup>2</sup> Sobre as origens e o desenvolvimento deste imaginário, ver PAGELS, 1996.

<sup>3</sup> A respeito dos nefastos efeitos desta crença na convivência entre brasileiros que professam diferentes religiões, ver, p. ex. NERY, 1997 e DIAS & CAMPOS, 2012.

tamanho da fé, a pessoa faz a oferta. Para que alguém alcance as riquezas de Deus, é preciso manifestar uma fé. A fé no Deus vivo é o melhor investimento que uma pessoa pode fazer na vida”.<sup>4</sup> Percebe-se isso no contexto da pregação da IURD como algo muito forte: o aspecto de troca. O dinheiro ganha status sacramental. Ao levar os fiéis a pensar desta forma, eles conseguem manipulá-los, e tirar o que eles não têm para doar para a instituição (igreja), já que a doação é um gesto de fé e amor a Jesus.<sup>5</sup>

Os reformados, por outro lado, entendem que a prática do dízimo é uma extensão do compromisso que o crente tem com a expansão do Reino de Deus. Quem confessa sua fé em Cristo, contribui com alegria, porque entende que isso é uma expressão de amor e generosidade. Embora haja em diversos textos das Escrituras promessas para aqueles que contribuem, a tradição evangélica compreende que aquele que oferta de bom grado não o faz para obter rendimentos da divindade, mas porque tem a intenção de agradar ao Senhor, e, assim, dispõe-se a, por meio da comunidade eclesial, ajudar os necessitados. Aos presbíteros da igreja de Éfeso, o apóstolo Paulo disse que “(...) Em tudo vos dei o exemplo de que deveis trabalhar assim, a fim de socorrer os doentes, recordando as palavras do próprio Senhor Jesus: dar é mais bem aventurado que receber” (At 20:35).

---

<sup>4</sup> Cit. Revista *Veja*, São Paulo, Editora Abril, n. 1421, 6 de dezembro de 1995, p. 75..

<sup>5</sup> Sobre este tema do papel do dinheiro como mediador do sagrado no movimento neopentecostal, em geral, e na IURD, em particular, ver GONÇALVES *et alli*, 2000 e SILVA, 2000.

## Capítulo 3

### A teologia da prosperidade e suas consequências

Os meios de comunicação periodicamente alardeiam que o seguimento evangélico cresce no Brasil de forma exponencial. É importante salientar que este seguimento apresentado em nossa pátria não é protestante, e nem se parece muito com o pentecostalismo histórico. O que vemos em nosso país é o alastrar-se de um movimento híbrido, mágico, com muitas faces, que se convencionou denominar neopentecostalismo.

Este seguimento religioso não tem como alvo a transformação do indivíduo, e sim o sucesso imediato, a conquista de um puro reino *deste* mundo; de fato, através de suas doutrinas e práticas, “desconstrói o discurso da transcendência, muito presente nas religiões tradicionais, ao dar ênfase no aqui e agora” (GONÇALVES et alli, 2000, p. 64) O vetor mais importante em sua vivência *propriamente religiosa* é o lucro, e não a aceitação e vivência dos valores do Evangelho. O que é então maximizado é o poder oriundo das riquezas e não a salvação dos homens. Em coerência com isto, grande parte daqueles que estão inseridos neste contexto concebem e exercitam um cristianismo desfigurado, onde a Verdade é distorcida, e a Palavra de Deus relativizada ao extremo. O que estamos assistindo é a comercialização do sagrado em meio dito cristão. Convém ressaltar as palavras do escritor Hernandes Dias Lopes, que destaca o quanto

O mercadejamento da Palavra de Deus é vergonhoso em nossos dias. Líderes religiosos sem escrúpulos criam igrejas para seu enriquecimento. Já se fala mesmo em pequenas igrejas, grandes negócios, ou em grandes igrejas, negócios fabulosos. Líderes espirituais sem temor a Deus transformam a igreja numa empresa familiar, o púlpito num balcão, o evangelho num produto lucrativo, o templo numa praça de barganha, e os crentes em consumidores (LOPES, 2007. p.16).

A igreja evangélica a qual as pessoas não evangélicas conhecem é hegemonicamente a que aparece nas mídias, sejam elas impressas, televisivas, radiofônicas ou online. E esta igreja é a neopentecostal, que há tempos está envolvida em práticas antiéticas. Fazendo menção a um caso de grande repercussão pública na década de 1990, para não nos deixarmos perder na avalanche de casos mais recentes, podemos citar a CPI do orçamento de 1993, que ficou amplamente conhecido como *CPI dos anões do orçamento*. Este escândalo apontou deputados que enriqueceram manipulando emendas orçamentárias, e trouxe à luz que um dos mentores

deste esquema era o deputado Manoel Moreira (PMDB/SP), que representava a ala da bancada evangélica.<sup>1</sup>

Aliás, o envolvimento de certos políticos evangélicos nas mazelas do cenário brasileiro tem contribuído para arranhar a imagem daqueles que pensam a fé genuína. No suposto intuito de trazer moralização ao espaço político, as igrejas neopentecostais elegem “homens de Deus”, mas o que se vê, é que o discurso adotado é um, e a prática é outra. Em tal contexto, os escândalos envolvendo esta categoria de homens públicos se multiplicam em nosso país aos borbotões, indo desde bíblias recheadas com quantias consideráveis de dólares, até a aquisição de iates e mansões pelos líderes do movimento neopentecostal, que maculam a imagem da igreja cristã, em geral, e a figura do pastor, de modo específico. Diante disso, o pensamento comum, que procede por reduções preconceituosas de uma realidade sempre muito complexa, passa ser o de que todo pastor é safado ou ladrão.

A partir de um olhar mais acurado sobre este movimento, pode-se perceber algumas das balizas norteadoras que dão sustentação a tudo o que é explicitado por seus líderes. Elenquem-se algumas delas:

- Um *conceito abstrato de fé*. A fé cristã transmitida pelas igrejas históricas tem sua fundamentação na Palavra de Deus revelada na Bíblia, enquanto que o neopentecostalismo baseia-se amplamente em um conceito – estranho à tradição cristã – de “fé na fé”, de acordo com Kenneth Hagin (1917-2003), considerado o pai do movimento *Palavra da Fé*, um dos primeiros a escrever sobre as filosofias que se tornaram o fundamento do movimento neopentecostal.
- Delimitam a vida no âmbito de uma simplista *batalha espiritual*. Todos os males da existência humana, tanto no nível individual como no coletivo, são atribuídos ao diabo e seus demônios. Assim procedendo, eles superestimam o poder satânico.
- *Capitalismo religioso*. As celebrações neopentecostais funcionam como uma espécie de balcão de negócios. Carlos Queiroz comenta este fato escrevendo que, por exemplo, “(...) No momento em que o mercado está aquecido para a compra da casa própria, o esperto empreendedor de negócio religioso oferece o caminho do milagre para a aquisição desse bem de forma ágil” (2013. p. 29).

---

<sup>1</sup> Cf. Jornal *Folha de São Paulo*, São Paulo, novembro de 2004.

Enfeixando e selando ideologicamente estas três balizas do movimento neopentecostal, está a chamada *teologia da prosperidade*. Antes de explicarmos o que ela é, ou seja, no que consiste esta formulação específica da crença e da prática cristãs, convém mencionar alguns de seus pontos positivos. Em primeiro lugar, ela estimula o fiel a viver com fé; não importa a circunstância, ou o momento delicado em que o fiel se encontre, ele manterá sua fé. Há o estímulo a ter uma mente positiva, o estímulo a ambicionar algo na vida que quebre o ciclo da mediocridade, e a ser mais confiante. Apesar destas possíveis vertentes positivas, a teologia da prosperidade, entretanto, traz em si muito mais aspectos negativos à experiência cristã individual e coletiva, que serão ressaltados a seguir.

### 3.1. Uma teologia do sucesso

Mesmo no interior das igrejas históricas, tem crescido entre nós um paradigma de compreensão e vivência da fé cristã denominado *confissão positiva*, ou, como é popularmente conhecido, *teologia da prosperidade*. De forma resumida, esta corrente doutrinária tem como premissa a noção de que o cristão que possui fé robusta pode sempre desfrutar de saúde física, espiritual e emocional, e a reboque gozar de benesses materiais. Se porventura o sofrimento, a doença ou o aperto financeiro bater à porta do crente, isso é sinal de que a fé deste não é suficientemente firme, ou que ele está vivendo em pecado; isto é que o impediria de receber as bênçãos e as promessas de Deus em sua vida. Marcus Throup, citando o sociólogo Délcio Monteiro de Lima em sua obra *Os demônios descem do norte*, afirma que o movimento neopentecostal “é uma espécie de esoterismo popular com o pragmatismo da chamada teologia da prosperidade” (THROUP, 2011, p. 16).

Sob o teto deste paradigma, florescem outros ensinamentos estranhos à tradição reformada. Os líderes deste movimento sustentam a ideia de que os humanos possuem uma natureza potencialmente divina, de que aqueles que professam a fé em Deus não precisam consultar médicos e muito menos tomar remédios. Para sustentar esta ideia estapafúrdia, usam como referência, entre outros, o texto do profeta Isaías que diz: “(...) Verdadeiramente ele tomou sobre si as nossas enfermidades, e carregou com nossas dores; e nós o reputávamos por aflito, ferido de Deus, e oprimido” (Is 53:4). Se isso só não bastasse, afirmam que Jesus foi como um milionário, e que compete aos filhos de Deus usufruir desta riqueza a semelhança de Jesus. O que está em jogo, em última instância, é uma mudança radical na atitude esperada do

cristão para com Deus. A este respeito, o líder da Igreja Internacional da Graça de Deus, o missionário R. R. Soares escreveu que também foi

“(...) ensinado de maneira errada. Disseram-me que, sempre que houvesse alguma necessidade, deveria ir ao Senhor e suplicar as Suas bênçãos. Fiz isso muitas vezes; em algumas, funcionou, em outras não. Contudo, quando meus olhos foram abertos para a verdade, eu não demorei nem um pouco para assumir a minha real posição em Cristo. Hoje, posso dizer: como o Evangelho é vivo! Ele é o poder de Deus! (...) Desde que aprendi o método correto de viver pela fé, toda a minha vida e ministério mudaram da água para o vinho. Hoje, eu sei que depende mais de mim, do que do Senhor para Ele encher a minha vida de bens. Assim Ele Se expressa: *se quiserdes, e ouvirdes, comereis o bem desta terra* (Is 1:19). (...) não importa qual a bênção que você precisa; vá à Palavra e veja se Ela garante que aquela bênção é sua, ou se o Senhor prometeu que você a receberá. Então, de posse da declaração do Senhor, dê a sua ordem, em Nome do Senhor Jesus, e creia que as autoridades celestiais a realizarão. A Bíblia diz: *palavra alguma falhou de todas as boas palavras que o Senhor falara à casa de Israel; tudo se cumpriu* (Js 21:45). § Não é necessário pedir aquilo que já é nosso. Basta determinar, exigir, reivindicar, ou seja: tomar posse da bênção” (SOARES, 2000, pp. 65-66. Grifo no original).

O movimento de confissão positiva, base filosófica e teológica deste tipo de raciocínio, teve como ponto de partida os ensinamentos de Essek William Kenyon (1867-1948), mais tarde plagiados e difundidos por Kenneth Hagin. Kenyon, por sua vez, partindo da reflexão sobre a santidade desenvolvida por John Wesley (1703-1791), sofreu forte influência de Mary Baker Eddy (1821-1910), que foi fundadora de um movimento herético chamado de *Ciência Cristã*. No ano de 1866, Eddy sofreu um grave acidente, e, desenganada pelos médicos, passou a ler a Bíblia em busca de sua recuperação física. Ela teve uma melhora significativa, passou a afirmar que Jesus operou em sua vida um grande milagre. A partir daí começou a propagar que a matéria e as doenças não existem, e que tudo depende das disposições da mente; em última instância, que tudo o que um sujeito pensar e determinar se transformará em realidade para ele. Nisto está toda a fundamentação para a teologia da prosperidade, que encontrou em Hagin o seu primeiro arauto completo.

Kenneth Hagin nasceu no Texas, Estados Unidos, em 20 de agosto de 1917. Ele teve uma infância um tanto quanto perturbada por conta do abandono de seu pai. Sua saúde também era comprometida, pois desde cedo tinha problemas de coração e leucemia. Emocionalmente muito instável, desenvolveu tendências suicidas. O que chama atenção na vida de Hagin foi uma experiência, uma visão, que ele diz que teve e que teria definitivamente mudado sua história. Em determinado momento de 1933,

(...) diz ter sido “levado ao inferno”, onde viu e sentiu coisas que o deixaram perplexo, tais como trevas que o impediram de enxergar até mesmo a sua mão a uma distância de três centímetros dos seus olhos e um calor que, quanto mais ele descia, mais forte ficava. Hagin desceria outras duas vezes “ao inferno” para ali contemplar horrores, sendo assim levado a tomar uma decisão quanto a sua vida espiritual. Depois da terceira “visita ao inferno”, Hagin aceitou a Cristo como seu salvador (ROMERO, 2007. p. 25).

Ele começou seu ministério muito jovem, como um pastor batista, e por ter enraizado a ideia da cura divina passou a frequentar redutos pentecostais. Em 1937, teve a experiência do batismo com o Espírito Santo, começando a falar línguas estranhas. Tornou-se então pastor da Assembleia de Deus dos EUA, fundada em 1914 em um acampamento de pastores. Hagin aliou-se aos líderes evangélicos que faziam da cura divina o carro chefe de seus ministérios, homens como Granville Oral Roberts (1918-2009) e Thomas Lee Osborn (1923-2013). Hagin começou a fazer carreira-solo e fundou seu próprio ministério, onde, além das curas, as visões eram frequentemente utilizadas.

A teologia da prosperidade difundida por Hagin ganhou notoriedade aqui no Brasil, crescendo e se fortalecendo cada dia mais. Por que esta doutrina ganha tanta força aqui em nossas terras? Vamos lançar mão mais uma vez da reflexão de Marcus Throup para tentar dar uma resposta a esta pergunta. Em sua obra *A Igreja na Berlinda*, ele escreveu que

Por aqui, há uma tendência quase universal de abraçar o exótico e se encantar com o estrangeiro. Digamos que essa característica seja explicável na ótica sociológica a partir da história colonial e das sucessivas ondas de imigração no sul do país – alemães, italianos, japoneses, chineses, etc. Mas seja qual for a explicação que dermos a esse fenômeno, a regra diz que o que vier de fora é chique, enquanto o que vier da terrinha, nem tanto (THROUP, 2011. p. 17).

Essa explicação pode, sem dúvida, sem complementada com outros olhares e, conforme já se afirmou no começo deste trabalho, não se está propondo aqui a realização de um estudo exaustivo, mas apenas de um esboço descritivo. A antropóloga e professora da USP Maria Lucia Montes, afirmou que o crescimento neopentecostal no Brasil sinalizada que, especificamente no âmbito religioso, mas não só, o país está passando por uma espécie de *rearranjo global*. Como mote de sua reflexão a respeito do tema, ela se utiliza de um fato ocorrido em 1995, quando um bispo da IURD, Sérgio Von Helde, em rede nacional de TV, chutou a imagem da Virgem da Conceição Aparecida. Várias foram as reações de repúdio, desde católicos, diretamente ofendidos, até evangélicos, indispostos a se fazer associar àquele ato de violência simbólica. Este fato foi marco de uma mudança de paradigma, a partir do



qual se pode constatar que em nosso país surgira “um novo poder” no cristianismo militante: a vertente neopentecostal, tendo como representante a IURD.

Outros foram os fatores que em muito contribuíram em para a rápida expansão do neopentecostalismo, para a emergência deste *novo poder*. A música gospel ganhou projeção nacional, atingindo numerosas pessoas de camadas sociais diferentes. Estas músicas em seu conteúdo trazem elementos muito fortes da teologia da prosperidade, e servem de sustentação para as igrejas neopentecostais em suas liturgias. As literaturas de cunho neopentecostal, que enfatizam soluções mágicas para os infortúnios e mazelas da vida, difundiram-se amplamente no mesmo movimento que alçou os livros de autoajuda a verdadeiros best-sellers. A forte exposição destas igrejas nas mídias eletrônicas (rádio, TV, internet) e os grandes eventos públicos (celebrações, shows) também contribuíram significativamente para expansão desta vertente religiosa.

Grosso modo, conforme já mencionado, a teologia da prosperidade avança sua pregação em três frentes básicas, a saber: a autoridade espiritual, a prosperidade e a batalha espiritual. Em se tratando de autoridade espiritual, Hagin em sua obra *Compreendendo a unção* afirma que “(...) Deus ainda está unguendo profetas hoje. Esses profetas são porta vozes *DELE*” (HAGIN, 1983, p. 7. Grifo no original). No contexto religioso neopentecostal brasileiro esta ideia é muito forte. O sacerdote (pastor) tem a chancela de falar em nome de Deus e de manusear as coisas sagradas. Em função disso, algo muito presente no cotidiano dessas igrejas, é que elas são pautadas num sistema fortemente hierárquico. Este é um regime autocrático, que está focado na pessoa do líder (pastor). Com isto, os abusos de poder e autoridade são muito comuns nestes ambientes. Usando uma metáfora perspicaz, Carlos Queiroz lança luz sobre este fato ao afirmar que “(...) O ego deus tem boca e fala, tem nariz e cheira, tem pés e anda. Tem inteligência ardilosa. Em geral possui carisma e cativa as massas” (QUEIROZ, 2013, p. 35).

O carisma e o magnetismo dos líderes são impressionantes. Com esse carisma eles conseguem dominar, manipular os fiéis. A figura de uma liderança forte e centralizadora é a mola mestra para crescimento e expansão da igreja neopentecostal. Por conta deste carisma, os fiéis endeusam o líder, tornando-o um supremo, onde sua vontade tem que ser obedecida e estabelecida. No tocante a esta matéria da liderança religiosa de tipo carismático, Max Weber escreveu que

A expressão “carisma” deve ser compreendida como referindo-se a uma qualidade *extraordinária* de uma pessoa, quer seja tal qualidade real, pretensa ou presumida.

“Autoridade carismática”, portanto, refere-se a um domínio sobre homens, seja predominantemente externo ou interno, a que os governados se submetem devido a sua crença na qualidade do extraordinário da *pessoa* específica. O feiticeiro, o mágico, o profeta, o chefe de expedições de caça e saque, o chefe guerreiro, o governante dito “cesarista” e, em certas condições, o chefe pessoal de um partido são desses tipos de governantes para os seus discípulos, seguidores, soldados, partidários, etc. A legitimidade de seu domínio carismático baseia-se, assim, na crença nos poderes mágicos, revelações e culto do herói. A fonte dessas crenças é a “prova” das qualidades carismáticas através de milagres, de vitórias e outros êxitos, ou seja, através do bem estar dos governados (1982, p. 340. Grifos no original).

Esta liderança reafirma sua posição perante sua comunidade eclesial mediante a um poder espiritual, onde alegam que são usados por Deus para proferir curas e milagres, ou pelo frequente relato de experiências espirituais ou sobrenaturais, tais como revelações, visões e sonhos. Os fiéis por sua vez, sentem-se compelidos a dependerem das orientações espirituais destes líderes, uma vez que estes homens são responsáveis por mediar à relação com o sagrado.

Os pastores no contexto neopentecostal são tratados com reverência, quase que intocáveis pelas críticas de seus fiéis. Isto advém da instrumentalização do conceito, tirado do Antigo Testamento, de *ungido do Senhor*. Essa expressão aparece duas vezes na Bíblia, ambas no Antigo Testamento, em 1Cr 16:22 (“Não toqueis nos meus ungidos, e aos meus profetas não façais mal”) e em Sl 105:15 (“Não toqueis os meus ungidos, e não maltrateis os meus profetas”). O pensamento mal implícito em seu uso em ambiente neopentecostal é o de que os pastores têm da parte de Deus um poder especial (a *unção*), e que este *revestimento* os torna quase que imunes de cometer erros que todos nós estamos sujeitos. Sendo assim, são intocáveis, e logo sua liderança não pode ser questionada; aqueles que, por sua vez, ousam se levantam contra ela, estariam lutando contra o próprio Deus. Não restam dúvidas de que aqui há uma distorção do texto bíblico. As passagens supracitadas não se referem a um questionamento ético ou doutrinário do líder, mas, com algum esforço interpretativo, no máximo a algum perigo para a integridade física de um obreiro.

### **3.2. Um cristianismo de combate**

Algo que é marcante no ideário neopentecostal é a teologia da batalha espiritual. O que é característico nesta é a noção de que há espíritos territoriais, isto é, seres malignos que mantêm certas áreas geográficas na mais profunda incredulidade. No Brasil, esta concepção ganhou notoriedade com os escritores Charles Peter Wagner e Douglas Pennoyer, que

afirmaram por escrito, entre outras coisas semelhantes, que "(...) Satanás destaca um demônio ou um corpo de demônios para cada unidade geopolítica do mundo, e que eles estão entre os principados e potestades contra os quais devemos lutar" (1996, p. 81). As igrejas evangélicas, por sua vez, tiveram diferentes reações ao lidar com esta proposição, em particular, e com todo o tema da batalha espiritual, no geral. Percebe-se em alguns um ceticismo, por entenderem que a crença em demônios é algo próprio de pessoas supersticiosas ou um resquício da Idade Média.<sup>2</sup> Por outro lado, existem aqueles que desdenham e tem total indiferença ao assunto. Mas existe uma parcela de pessoas que estão obcecadas e que fizeram da batalha espiritual o tema principal de suas vidas.

Do ponto de vista da teologia cristã reformada, de fato não se pode ignorar a realidade da batalha espiritual, porque as Escrituras Sagradas apontam-na com alguma clareza. Há inúmeros exemplos bíblicos onde espíritos malignos trouxeram grande sofrimento às pessoas, e aos servos de Deus. Talvez o exemplo mais conhecido seja o do personagem bíblico Jó. Por conta de uma ação direta de satanás, ele perdeu seus filhos, seus bens, e sua saúde ficou extremamente debilitada (Jó 1:12-19). Já no contexto do Novo Testamento, o evangelista Marcos narra a história de um homem da cidade de Gadara que estava possesso por uma legião de demônios. Este homem vivia nos sepulcros, andando como uma fera, gritando, ferindo-se com pedras, e tamanha era sua força que ninguém conseguia domá-lo. Sua vida foi liberta pela intervenção de Jesus (Marcos 5:1-15). Em outra ocasião, o mesmo evangelista discorre sobre um jovem que era jogado no fogo e na água pelos demônios. Seu pai aflito leva o menino aos discípulos de Jesus para que estes expulsem o demônio de seu filho, mas eles não conseguem. Jesus expulsa o demônio deste jovem e este fica liberto (Marcos 9:14-22).

O grande problema são as distorções comuns que são feitas acerca deste assunto. A temática do mal fascina, basta perceber a quantidade de literaturas especializadas neste assunto que são produzidas e consumidas no meio evangélico. Em certas comunidades eclesíásticas, o assunto da guerra espiritual tem primazia sobre qualquer outro, e com isto tem sido dada uma atenção maior ao diabo do que a Jesus. Se "(...) A guerra espiritual e as concepções de bem e mal dos neopentecostais derivam, em parte, do dualismo hierárquico cristão, isto é, do eterno conflito entre Deus e o diabo, presente no cerne da doutrina cristã", entretanto, "(...) Comparadas às denominações das vertentes pentecostais precedentes, as

---

<sup>2</sup> Para uma introdução à muito ampla discussão a respeito da demonologia medieval, ver p. ex. LOUREIRO & SCARAMUSSA, 2002.

igrejas neopentecostais parecem ir um pouco mais longe na luta contra o mal”, e, de fato, “hipertrofiaram [o tema da] guerra entre Deus e o diabo pelo domínio da humanidade” (MARIANO, 2003, p. 25).

Nos cultos da IURD, por exemplo, vê-se, no tocante aos exorcismos, a operação da ideia de que os males que afligem as pessoas tem como fonte o contato do indivíduo com as religiões afro-brasileiras, ou o contato com objetos contaminados pelos demônios, ou o fato do indivíduo ter sido enfeitiçado em algum tipo de “trabalho” realizado num “terreiro de macumba”. A finalidade destes exorcismos é travar uma “guerra santa” para deixar patente qual a religião mais forte, qual a religião capaz de aplacar os males existentes nas pessoas; nisto, o horizonte de sua mentalidade e práticas está realmente muito próximo daquele do cristianismo medieval (cf. THOMAS, 1991, p. 35). Dentro do contexto da batalha espiritual, o mundo é percebido pelo conflito entre Deus e o diabo, que no dia a dia duelam pelas vidas. Deus é visto principalmente como um Deus guerreiro, que está ao lado dos fiéis ajudando-os a vencer todas as dificuldades. Isto é facilmente percebido pelas músicas entoadas nos arraiais evangélicos: “homem de guerra é Jeová”, “o nosso general é Cristo”, e daí por diante. Estas canções ressaltam o aspecto mais triunfalista da fé cristã, afirmando reiteradamente que se o Senhor está ao nosso lado nenhum mal poderá nos atingir.

Ao tratarmos deste assunto, é mister termos algumas percepções, e discernirmos alguns aspectos muito perigosos desta temática. Primeiramente, no contexto da batalha espiritual dá-se autonomia ao diabo, que as Escrituras Sagradas não dão. Os proponentes deste movimento colocam o diabo em pé de igualdade com Deus, o que, de fato, corrói o monoteísmo judaico-cristão a partir de uma abordagem fortemente dualista. Outro aspecto extremamente negativo e danoso nesta matéria é a ênfase que se dá ao invisível. Os crentes são mestres em identificar demônios invisíveis, mas muitas vezes parece que estão cegos para aquilo que é visível. “Amarram” os demônios que estão nos ares, oram repreendendo o espírito de corrupção, e ao mesmo tempo votam em políticos evangélicos corruptos. É paradoxal. Também é notório que estas ideias causam neuroses, porque se vê gente discernindo espíritos a cada instante e se enxerga o diabo em tudo, povoando o mundo com entes imaginários e ameaçadores, no incentivo de um comportamento tipicamente paranoico.

Talvez o aspecto mais perigoso do contexto da batalha espiritual, entretanto, seja mesmo o mecanismo de transferência de responsabilidade que ele enseja. De acordo com a teologia cristã de vertente tradicional, o diabo é um ser real, não um mito como muitos acreditam; contudo, numerosos são os que jogam o peso de seus atos nas costas do diabo e o

responsabilizam por todo o mal existente, eximindo-se assim de suas responsabilidades pelo mal moral e social que praticam. O movimento de batalha espiritual tira do homem toda a responsabilidade de seus deslizes.

Uma ação muito forte no neopentecostalismo é a expulsão de demônios. Crê-se de modo fundamentalista na grande comissão de Jesus, ou seja, na promessa de que seus seguidores iriam ter o poder de expulsar demônios em Seu Nome (ver Mc 16:17 e At 16:18). Os neopentecostais tomam este conceito muito ao pé da letra e afirmam que pelo poder do nome de Jesus não só é possível expelir demônios, como também curar toda forma de enfermidade. A este respeito, Peter Wagner e Douglas Pennoyer escreveram que “o exorcismo tem sido um fator chave no crescimento explosivo entre os crentes pentecostais latino-americanos” (WAGNER & PENNOYER, 1996, p. 226).

Deve-se observar, contudo, que nem tudo é tão sombrio e negativo. Existe algo positivo no tocante à noção da batalha espiritual. Os problemas atuais que nos cercam, têm levado uma parcela da igreja a uma releitura das Escrituras, no afã de dar uma resposta divina ao que está acontecendo. Desta forma, a igreja que até então se preocupava somente com o aspecto transcendental, agora pensa também em quê ela pode contribuir para desenvolver uma espiritualidade sadia, discernindo o que é bom ou não, de acordo com Palavra de Deus. Outra vertente positiva deste movimento é o lado construtivo da combatividade. Os cânticos intitulados “de guerra” trazem à psique do fiel o encorajamento necessário para que este saia do campo da especulação para o da ação, engajando-se assim na evangelização urbana, estimulando-o a vencer as propostas sedutoras do Inimigo, a assumir um compromisso com Deus e com seu Reino. Não restam dúvidas de que estes cânticos são muito mais estimulantes para esta geração atual, que tem grandes desafios a serem superados, do que os hinos antigos, tradicionais. Mas se deve ter sempre claro que a Igreja Cristã tem como missão o fazer discípulos de Jesus, e não obter o poder político nas mãos neste mundo.

### **3.3. Uma religião de mercado**

O carro chefe da vertente neopentecostal é a prosperidade. Um fiel abençoado por Deus é aquele que desfruta das benesses do Altíssimo pela fé. O fiel, para obter estas bênçãos, mentaliza o que quer, depois determina a divindade em nome de Jesus, e assim sua bênção chega (cf. p. exemplo, SOARES, 2000). Sob essa frouxa cobertura teológica, temos neste contexto religioso duas classes bem definidas: a base e a cúpula. A base (fiéis), na maioria das

vezes procede de forma ingênua e pueril, por ser muito crédula. Qualquer coisa que é dita em nome de Jesus é aceita como verdade. Esta base, além de crédula, é também marcadamente sincrética, por beber de várias fontes religiosas, trafegando no catolicismo popular, nas religiões afro-brasileiras e em diversas vertentes do protestantismo. A cúpula, por outro lado, é altamente pragmática e, aproveitando-se do desespero da maioria, age de forma oportunista, prometendo aquilo que não pode entregar. Os meios de comunicação já noticiam as ações judiciais de alguns fiéis contra este tipo de liderança. O jornal *O Globo*, por exemplo, noticiou a seguinte matéria: *Ex-fiel move ação contra Igreja Universal do Reino de Deus por estelionato*. Nela se dava informação de que o empresário Edilson Cesário Vieira moveu uma ação na justiça com o objetivo de receber uma indenização de R\$ 400 mil da Igreja Universal do Reino de Deus. Seguidor da religião entre 1997 e 2008, ele acusa bispos e pastores de estelionato. Os religiosos teriam convencido Edilson a pegar R\$ 338 mil emprestados para fazer doações entre novembro de 2005 e janeiro 2006. Em troca, os pastores rezariam para que o empresário ganhasse uma ação trabalhista de R\$ 1 milhão (DANTAS, 2009).

É lamentável verificar a mercantilização da religião, na qual os especialistas na produção e gestão do sagrado se utilizam de técnicas de mercado no intuito de comercializar seus artigos de fé. A grande questão aqui é o que feito para se ganhar dinheiro em nome do Deus revelado em Jesus Cristo, uma vez que os mandamentos deixados pelo mesmo deveriam inspirar e agregar nos seres humanos valores e princípios de justiça, amor e solidariedade. O ex-frei Leonardo Boff ressalta a este respeito que “(...) É importante (...) manter sempre nosso espírito crítico, porque com espiritualidade também se pode fazer dinheiro. Há verdadeiras empresas manejando os discursos da espiritualidade para criar um exército de seguidores que muitas vezes falam mais aos bolsos do que aos corações” (BOFF, 2001, p. 12-13). De fato, os líderes deste tipo de empreendimento religioso apregoam que Deus quer nos ver ricos, com belos carros na garagem, com os negócios sempre em alta, com as dívidas quitadas. Vê-se neste discurso a infiltração do pensamento capitalista neoliberal na crença cristã, onde tudo passa a girar em torno do conforto e do enriquecimento pessoal, tanto para a cúpula quanto para o fiel. A cúpula age no intuito de contruir verdadeiros impérios religiosos, e o fiel, por sua vez, paga para obter satisfação pessoal e alívio de seu sofrimento. É triste constatar o quanto esta visão tem prejudicado as pessoas. O Pr. Ed René Kivitz, teólogo e escritor de livros cristãos, tratando deste tema, faz uma observação interessante:

P’ra ser evangélico você não precisa amadurecer, não precisa assumir responsabilidades, não precisa agir. Não precisa agregar virtudes ao seu caráter ou

ao processo de sua vida. Primeiro porque Deus resolve. Segundo porque se Deus não resolve, o bispo ou o apóstolo resolvem. O sujeito é mau caráter, incompetente para gerenciar o seu negócio, e não gosta de trabalhar. Mas basta ir ao culto, dar uma boa oferta financeira, e leva para casa um vidrinho de óleo de cozinha para ungir a empresa e resolver todos os seus problemas financeiros”. (KIVITZ, 2006)

A mudança deste quadro que se instalou nas igrejas evangélicas a partir da irradiação das doutrinas e práticas neopentecostais para além de suas fronteiras denominacionais em sentido estrito passa diretamente pela formação e atuação dos líderes cristãos. Liderança com integridade é o desafio de nossa geração. Necessitamos de líderes que nos sirvam de modelo de oração e piedade. Líderes íntegros que associam *ortodoxia* com a *ortopraxia*. Líderes que levam as Escrituras Sagradas a sério, líderes que se esforçam em reproduzir em sua vida o caráter de Jesus Cristo [*imitatio Christi*]. Os líderes religiosos precisam entender que o fundamento da liderança cristã não é deve ser carisma, mas sim o caráter. Neste âmbito, a liderança não deveria a ver com personalidade encantadora e chamativa. O grande teólogo e evangelista Dwight Lyman Moody (1827-1899) dizia que *o caráter e o que somos no meio da escuridão, quando ninguém esta nos olhando*. Líderes religiosos comprometidos com Deus, pessoas de caráter, são, antes do mais, sensíveis às necessidades das pessoas que os rodeiam.

## Conclusão

O movimento evangélico experimenta um crescimento expressivo no solo brasileiro, como nunca antes visto, e, no interior desta expansão, vale ressaltar novamente que a matriz que mais cresce e consolida é a neopentecostal. Ao mesmo tempo em que aumenta assustadoramente em número, entretanto, este movimento decresce em credibilidade. Com uma proposta sedutora de alívio para os problemas, os líderes neopentecostais atraem as pessoas aos templos e lhes sonegam a genuíno cristianismo. Para não ser injusto, é necessário ressaltar que há pastores íntegros, igrejas neopentecostais íntegras, e pessoas fiéis à Deus e à Sua Palavra também aí. Não há como negar que algumas igrejas neopentecostais têm efetivamente trabalhado no sentido de alcançar grupos que as igrejas de cunho tradicional e reformada não alcançam, tais como viciados, presidiários e aidéticos, todo tipo de pessoas marginalizadas em nossa sociedade. Apesar destas coisas positivas aqui apontadas, não se pode, contudo, fechar os olhos para outras, negativas, que acontecem dentro deste contexto e que mancham e denigrem o Evangelho de Jesus Cristo.

O pentecostalismo ganhou força no Brasil logo após seu surgimento nos Estados Unidos. Como dito, o estudioso e pesquisador Paul Freston divide a história deste movimento em três ondas, classificação que se assumiu neste trabalho, por creditá-la particularmente útil. Num primeiro momento, em 1910, temos a Congregação Cristã do Brasil, fundada pelo ítalo-americano Louis Francescon; um ano depois surge a Assembleia de Deus por meio de Gunnar Vingren e Daniel Berg, dois missionários suecos. O que marca as igrejas pentecostais da primeira onda é a ênfase no batismo com Espírito Santo e a glossolalia. Notadamente, a igreja que mais se expandiu geográfica e numericamente foi a Assembléia de Deus, hoje a maior denominação evangélica no país. Os membros da Assembléia de Deus estão hoje arrolados em duas convenções, e as práticas de culto das comunidades vinculadas à Convenção de Madureira, a mais recente delas, são bem parecidas com as práticas neopentecostais.

A segunda onda pentecostal teve seu início na década de 1950 e o início da década de 1960. O que diferencia as igrejas da segunda onda em relação à primeira é a ênfase que aí foi dada no exorcismo e na cura divina. Três igrejas ganham destaque neste cenário: O Brasil Para Cristo, a Igreja do Evangelho Quadrangular e a Igreja Pentecostal Deus é Amor. Todas elas tiveram início em São Paulo, espalhando-se pelo sudeste e, a partir daí alcançando o restante do país. Já a terceira onda do pentecostalismo se deu na década de 1970, mas ela realmente ganhou força na década de 1980. É justamente neste período que começa o



chamado neopentecostalismo, que ganha visibilidade através da IURD, mas outros grupos expressivos podem ser aí arrolados, como a Igreja Internacional da Graça de Deus, a Comunidade Sara Nossa Terra, a Igreja Cristo Vive, entre muitas outras. Com o surgimento destas denominações houveram mudanças na maneira de ser e viver o cristianismo. Estas mudanças são claramente vistas nas liturgias, ética e na maneira de conceber e colocar em ação a teologia. Além da ênfase nas curas e nos exorcismos, os neopentecostais enfatizam muito a questão da relação entre fortaleza de fé e prosperidade, conforme ela foi estabelecida e difundida por Kenneth Hagin. Outra coisa muito marcante nestas igrejas da terceira onda é o uso dos aparatos midiáticos para promoção do empreendimento eclesial. A IURD é um grande exemplo disto. Seu poder chegou também à política, e, ao longo de suas histórias, elas têm promovido seus políticos em nível local e nacional, sujeitos que, em contrapartida, favorecem os interesses desta agremiação na esfera pública.

Na abordagem hermenêutica, o movimento neopentecostal mudou a maneira de interpretar o texto bíblico. O fundamento hermenêutico dos cristãos conservadores é escriturístico e cristológico; seu padrão hermenêutico é a Escritura Sagrada, e o aferimento ético e comportamental está na pessoa de Jesus Cristo. O movimento neopentecostal mudou isto, pois o seu fundamento hermenêutico é pneumatológico, a ênfase estando integralmente na terceira pessoa da Trindade, o Espírito Santo; justamente nisso está a grande ruptura, pois uma vez que a sistematicidade da Escritura é deixada de lado descartamos automaticamente sua autoridade e seu peso como norma de crença e prática. Outro fato a ser destacado é que no âmbito neopentecostal afirma-se que a divindade se revela quase sempre de forma intimista. Expressões como “Deus me disse”, “Deus me falou” traduzem bem este ponto de vista. Com isto, começou-se a introduzir no contexto evangélico práticas estranhas que estão muito distantes do contexto da Palavra de Deus. Ao fim e ao cabo, em âmbito neopentecostal são as experiências espirituais pessoais que determinam a interpretação do texto bíblico.

Um ponto forte, muito característico, das igrejas neopentecostais é a chamada teologia da prosperidade. Sua ideia básica é que o fiel, o que possui fé, pode desfrutar de saúde física, de conforto emocional e de benesses materiais. Entretanto, se a doença, sofrimento psíquico ou aperto financeiro baterem na porta do fiel isso é inequívoco sinal de que sua fé não está firme, ou de que está vivendo em pecado. Em última instância, os líderes deste movimento sustentam a ideia de que os humanos possuem uma natureza potencialmente divina, de que aqueles que professam a fé em Deus podem exigir da divindade as bênçãos materiais e a cura para seus males. Este ensino é também conhecido como confissão positiva.

Os líderes neopentecostais possuem em sua grande maioria um carisma impressionante, construído e reforçado pelo emprego de modernas técnicas de publicidade e gestão psicológica. Eles conseguem manipular e dominar os fiéis. Por conta deste carisma e aparato de manipulação, os fiéis endeusam o líder, tornando-o um supremo, onde sua vontade estabelecida tem que ser obedecida. A idéia difundida por estes líderes é de que eles são instrumentos “escolhidos” por Deus para proferir curas e milagres e efetuar a edificação do seu rebanho através dos relatos de experiências espirituais arrebatadoras. Os fiéis, por sua vez, sentem-se compelidos a depender das orientações destes personagens, já que eles são responsáveis por mediar à relação com o sagrado.

Além disso, lamentavelmente o que se vê prosperar é um neopentecostalismo híbrido, sincrético, que esvazia o conteúdo do cristianismo em fazer de um arsenal de estratégias mágicas. Há templos lotados de pessoas vazias. Há uma corrida desenfreada das pessoas buscando os milagres, querendo a todo custo aliviar sua dor. Por outro lado, os marqueteiros da fé, movidos pela ganância, ganham muito dinheiro enquanto arrastam atrás de si as multidões. É triste constatar que muitos querem as dádivas, mas não o doador; saúde e prosperidade, mas não uma vida íntegra. A religião quando vivida de forma equilibrada traz diversos benefícios ao homem. De fato, de um modo geral, as pessoas buscam a religião porque querem um apoio quando se encontram em dificuldade na vida. Alguns, por sua vez, aproveitam-se disso distorcem o verdadeiro sentido do Evangelho; distorção que é especialmente favorecida por algumas das mencionadas características estruturais do movimento neopentecostal.

## Referências

- BÍBLIA. Português. *Bíblia Almeida Revista e Atualizada*. Tradução de João Ferreira de Almeida. 5ª ed. rev. e atual. Santo André: Ed. Geográfica, 2000.
- BLESOE, David Allen. *Movimento neopentecostal brasileiro. IURD: um estudo de caso*. São Paulo: Hagnos, 2012.
- BOFF, Leonardo. *Espiritualidade: um caminho de transformação*. Rio de Janeiro: Sextante, 2001.
- CABRAL, José Vasconcelos. *Religiões, seitas e heresias*. Rio de Janeiro: Ed. Gráfica Universal, 1992.
- CAMPOS, Leonildo Silveira. *Teatro, templo e mercado*. Petrópolis / São Paulo: Vozes, Ed. Simpósio e Ed. UMESP, 1999
- DANTAS, Tiago. Ex-fiel move ação contra Igreja Universal do Reino de Deus por estelionato. *O Globo*. Rio de Janeiro, 10 de maio de 2015. Disponível online em <<http://www.fraudes.org/clipread.asp?CdClip=10429>>. Acesso em dezembro de 2014.
- DECLARAÇÃO CONJUNTA de Católicos e Luteranos sobre a Doutrina da Justificação. Augsburg, 31 de outubro de 1999. Disponível online em <[http://www.vatican.va/roman\\_curia/pontifical\\_councils/chrstuni/documents/rc\\_pc\\_chrstuni\\_doc\\_31101999\\_cath-luth-joint-declaration\\_po.html](http://www.vatican.va/roman_curia/pontifical_councils/chrstuni/documents/rc_pc_chrstuni_doc_31101999_cath-luth-joint-declaration_po.html)>. Consultado em dezembro de 2014.
- DIAS, Julio César Tavares & CAMPOS, Zuleica Dantas Pereira. O discurso de intolerância da Igreja Universal do Reino de Deus: uma análise do livro *Orixás, caboclos e guias*. *Fragmentos de cultura*. Goiânia, IFT/PUC-GO, v. 2, n. 4, outubro a dezembro de 2012.
- FAJARDO, Max. Os pentecostais no Censo 2010: Assembleia de Deus chega aos 12 milhões, Igreja Universal e Congregação Cristã diminuem. *Max Fajardo: refletindo sobre fé, igreja e sociedade*. S. l., publicado em 29 de junho de 2012. Disponível online em <<http://refletindofe.blogspot.com.br/2012/06/os-pentecostais-no-censo-2010.html>>. Acesso em dezembro de 2014.
- FONSECA, Denise Pini Rosalem da & GIACOMINI, Sonia Maria. *Presença do Axé: mapeando terreiros no Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Pallas / Ed. PUC-Rio, 2013.

- FRESTON, Paul. Breve história do pentecostalismo brasileiro. In: ANTONIAZZI, Alberto (org.). *Nem anjos, nem demônios: interpretações sociológicas do pentecostalismo*. Petrópolis: Vozes, 1984.
- GONÇALVES, Carlos Fernando Poeta; KESSLER, Élide A.; SOUZA, Hugo Luiz de; NERY, Maria Clara Ramos & NEVES, Emilene de Deus. Dinheiro e prosperidade: a base da mensagem da IURD e seus fiéis (a IURD do imaginário e o imaginário da IURD). *Texturas*. Canonas, ULBRA, n. 2, primeiro semestre de 2000.
- PEREIRA, Leandro Ferraz. Cidadão Macedo: o império midiático do bispo. *Cadernos de Pesquisa do Centro de Documentação e Pesquisa em História*. Uberlândia, CDHIS-IH/UFU, v. 23, n. 2, julho a dezembro de 2010.
- MAFRA, Clara. *Os evangélicos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001. (Coleção “Descobrimo o Brasil”).
- HAGIN, Kenneth E. *Compreendendo a unção*. (Tradução de Gordon Chown). Rio de Janeiro: Graça, 1983.
- LIMA, Delcyr de Souza. *O Pentecostes e o Dom de Línguas*. 2ª ed. São Paulo: JUERP, 1989.
- LIMA, Délcio Monteiro de. *Os demônios descem do norte*. 5ª ed. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1991.
- LOPES, Augustus Nicodemus. *O que estão fazendo com a Igreja: ascensão e queda do movimento evangélico brasileiro*. São Paulo: Mundo Cristão, 2008.
- LOPES, Hernandes Dias. *Fome de Deus*. São Paulo Hagnos, 2004.
- LOUREIRO, Klítia & SCARAMUSSA, Ziza. O Diabo e suas representações simbólicas em Ramon Llull e Dante Alighieri (séculos XIII e XIV). *Miriabilia*. Barcelona, IEM/UAB, v. 1, n. 2, dezembro de 2002 (dossiê Expressar lo divino: lenguaje, arte y mística; organização de Alexander Fidora e Jordi Pardo Pastor).
- MACEDO, Edir Bezerra. *Nos passos de Jesus*. Rio de Janeiro: Ed. Gráfica Universal, 1986.
- MACEDO, Edir Bezerra. *A libertação da teologia*. Rio de Janeiro: Ed. Gráfica Universal, 1992.
- MACEDO, Edir Bezerra de. *Orixás, caboclos e guias: deuses ou demônios?* Rio de Janeiro: Ed. Gráfica Universal, 1996.
- MACEDO, Edir Bezerra de. *O perfeito sacrifício: o significado espiritual do dízimo e das ofertas*. Rio de Janeiro: Ed. Gráfica Universal, 1996 (2).

- MARIANO, Ricardo. Guerra espiritual: o protagonismo do diabo nos cultos neopentecostais. *Debates do NER*. Porto Alegre, NER/UFRGS, a. 4, n. 4, julho de 2003.
- MARINHO, Wemerson. Pontos discutíveis do movimento neopentecostal. *Monergismo*. S. l., s. d. Disponível em [http://www.monergismo.com/textos/pentecostalismo/pontos\\_neo.htm](http://www.monergismo.com/textos/pentecostalismo/pontos_neo.htm)> Acesso em setembro de 2014.
- MATOS, Alderi Souza. O movimento pentecostal: reflexões a propósito do seu primeiro centenário. *CPAJ/Mackenzie*. São Paulo, s. d. Disponível em <http://www.mackenzie.br/6982.html>>. Acesso em dezembro de 2014.
- MODESTO, Cláudia Figueiredo. Mídia & IURD: 34 anos de evangelismo eletrônico. *Observatório da Imprensa*. São Paulo, PROJOR, n. 694, 15 de maio de 2012. Disponível em <http://www.observatoriodaimprensa.com.br/news/imprimir/47002>>. Acesso em dezembro de 2014.
- MONTES, Maria Lucia. As figuras do sagrado: entre o público e o privado. In: SCHWARCZ, Lília Moritz (org.). *História da Vida Privada no Brasil. V. 4: contrastes da intimidade contemporânea*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.
- NERY, Maria Clara Ramos. Demonização: a intolerância reavivada. *Debates do NER*. Porto Alegre, NER/UFRGS, a. 1, n. 1. novembro de 1997.
- ORO, Ari Pedro. A política da Igreja Universal e seus reflexos nos campos religioso e político brasileiros. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*. São Paulo, ANPOCS, v. 18, n. 53, outubro de 2003.
- PAGELS, Elaine H. *As origens de Satanás: um estudo sobre o poder que as forças irracionais exercem na sociedade moderna*. Rio de Janeiro: Ediouro, 1996.
- QUEIROZ, Carlos. *Em busca da espiritualidade: o mercado da fé e o evangelho da graça*. Viçosa: Ultimato, 2013.
- ROMERO, Paulo. *Decepcionados com a graça: esperanças e frustrações no Brasil neopentecostal*. São Paulo: Mundo Cristão, 2005.
- ROMERO, Paulo. *Supercrentes: o evangelho segundo Kenneth Hagin, Valnice Milhomens e os profetas da prosperidade*. 2ª ed. São Paulo: Mundo Cristão, 2007.
- SIERPIERSKI, Carlos Tadeu. *“De bem com a vida”: o sagrado num mundo em transformação. Um estudo sobre a Igreja Renascer em Cristo e a presença evangélica*

- na sociedade brasileira contemporânea*. Tese de Doutorado em Antropologia Social, PPGAS-FFLCH/USP. São Paulo, 2001.
- SILVA, Drance Elias da. *A representação social do dinheiro entre os neopentecostais*. Dissertação de Mestrado em Sociologia, PPGS/UFPE. Recife, 2000.
- SOARES, Romildo Ribeiro. *Exija seus direitos*. Rio de Janeiro: Graça, 2000.
- TAVOLARO, Douglas & LEMOS, Christina. *O Bispo: a história revelada de Edir Macedo*. São Paulo: Larousse, 2007.
- THOMAS, Keith. A magia da Igreja medieval. In: *Religião e declínio da magia: crenças populares na Inglaterra (séculos XVI e XVII)*. (Tradução de Denise Bottmann e Tomás Rosa Bueno). São Paulo: Companhia das Letras, 1991.
- THROUP, Marcus. *A Igreja na berlinda: reflexões sobre o cristianismo brasileiro por um filho adotivo*. Curitiba: Encontro, 2011.
- WAGNER, Peter & PENNOYER, Douglas. *A luta contra os anjos do mal: para uma profunda compreensão das forças sobrenaturais na guerra espiritual*. 2ª ed. rev. São Paulo: Bompastor, 2000.
- WEBER, Max. *Ensaios de Sociologia*. (Organização e introdução de H. H. Gerth e C. Wright Mills; tradução de Waltensir Dutra). 5ª ed. Rio de Janeiro: LTC, 1982.